**A FORMAÇÃO CONTINUADA PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Fernanda Lopes Braga – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lucília Augusta Lino – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Nilda da Silva Nogueira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho traz reflexões sobre a formação continuada das professoras que atuam na Educação Infantil na rede municipal de Educação de Niterói. Dialogando com o cumprimento da Lei nº 10.639/2003, ressaltamos a relevância da formação continuada de professores, com foco na educação antirracista, objetivando a superação do preconceito, da discriminação e das desigualdades raciais, e o reforço de atitudes que respeitem a identidade do outro, em um trabalho contínuo e recorrente em busca da construção de empatia e consciência. A formação continuada se materializa em reuniões formativas, semanais, envolvendo a equipe pedagógica das escolas, em tentativa de construção de um ambiente de partilha de saberes e fazeres docentes, fomentando reflexões críticas sobre a realidade. Ao propiciar o acesso aos princípios e recursos de uma educação antirracista, esse processo formativo potencializa a ampliação da consciência crítica sobre a questão étnico-racial.

Palavras Chaves: Relações étnico-raciais, Formação continuada, Práticas pedagógicas, Educação Infantil.

Este trabalho se deriva de pesquisa em curso para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. O objetivo da pesquisa é identificar as concepções formativas que orientam a formação continuada ofertada às professoras da Educação Infantil da rede de ensino de Niterói, focalizando a promoção de uma educação antirracista.

Neste trabalho trazemos algumas reflexões sobre a relevância da educação antirracista na Educação Infantil e a necessidade de processos formativos que permitam às professoras ampliarem sua consciência sobre questões étnico-raciais que impregnam nossa sociedade. Relacionamos essa formação à adoção de práticas pedagógicas que afirmem a identidade racial das crianças e docentes e sejam promotoras de igualdade racial na Educação Infantil.

Compreendemos a rede pública como espaço potencial para tecer práticas antirracistas, valorizando a cultura africana e afro-brasileira permitindo, assim, “enegrecer” o cotidiano da escola pública, favorecendo a autoestima das crianças negras e afirmação das suas identidades. Muitas crianças negras, não se sentem acolhidas no ambiente escolar, como relata hooks (2023) ao retratar sua própria experiência, quando percebeu que os professores brancos apenas cobravam a obediência.

No que tange ao cotidiano da escola e às relações entre a professora e as crianças, é necessário reforçar atitudes positivas de valorização da identidade, visando o desenvolvimento infantil e sua autoestima. De acordo com Cavalleiro (2002, p. 100) “a escola grita inferioridade, desrespeito e desprezo” quando opta pela omissão e silêncio, naturalizando injúrias raciais. O silêncio faz com que a criança negra internalize valores negativos em relação ao seu corpo, a si própria, afetando a construção de sua identidade, dificultando a aceitação de sua cor e de sua beleza.

As formações continuadas, voltadas para professores da Educação Infantil, são potenciais ambientes de partilha de seus saberes e fazeres, e, portanto, podem fomentar reflexões para mudanças do cotidiano escolar, visando a superação da desigualdade e de promoção de uma cultura da paz, de respeito aos direitos humanos e da igualdade racial. Assim, a formação continuada pode superar certa postura negacionista, que silencia o debate sobre as questões étnico-raciais, que deveria estar no cotidiano escolar, desde a Educação Infantil. Esse silenciamento oculta a existência do racismo na sociedade, impedindo, assim, a materialização de uma educação antirracista.

Uma estratégia eficaz para a introdução de uma educação antirracista na educação Infantil, associada à ludicidade, está na oferta de literatura infantil que tematize as relações étnico-raciais. A formação continuada deve apresentar essa literatura às professoras e discutir essa temática, como possibilidade de refletir sobre a realidade, servindo de meio para que a criança, desde cedo, tenha suas opiniões, questionando-a e sentindo-se capaz de transformá-la. Apresentar livros, brinquedos e brincadeiras que tragam personagens e repertório cultural negro é essencial em todos os grupos etários.

Na pesquisa, investigamos como se materializam, as formações continuadas ofertadas pela rede pública de Niterói, com a temática étnico-racial, focalizando a Educação Infantil.

O conhecimento da legislação é fundamental para a formação das professoras da Educação Infantil, e, nessa direção, analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais desponta como um primeiro passo. A Lei nº 10.639/2003 ainda é pouco conhecida entre os professores das redes públicas e privadas, e para a sua implementação, que é obrigatória, a formação continuada é a melhor estratégia. Após 21 anos dessa Lei, ainda é possível encontrar resistência a práticas antirracistas, geralmente devido ao preconceito, retroalimentado pela ignorância.

É fundamental que as professoras tenham ciência das mudanças na legislação, as conquistas e direitos que visam a igualdade racial, bem como suas implicações para a educação, assim como as contribuições da população negra, inserindo esses temas no curriculo. A formação continuada deve, também, apresentar práticas pedagógicas próprias para serem realizadas na Educação Infantil.

É importante que as professoras tenham acesso às reflexões dos autores que tratam a questão da educação para as relações étnico-raciais, e problematizam o racismo, como hooks, Gonzalez, Gomes e outros intelectuais. Estes autores são a base para esse estudo, que se fundamenta na concepção de educação emancipadora de Paulo Freire (2022) e na compreensão do papel dos intelectuais orgânicos na produção da cultura de Gramsci (2007).

Gonzalez (2022, p. 25) ressalta a importância dos movimentos negros e nos mostra a diversidade de valores culturais trazidos pelos africanos que vieram para o Brasil, “apesar da redução à “igualdade”, imposta pela escravidão, já nos levam a pensar em diversidade”.

É preciso que os professores se tornem intelectuais orgânicos, produtores do conhecimento, com seus saberes e práticas, construídos a partir da leitura crítica da realidade. Neste sentido, Gramsci (2007) entende a escola como um espaço de transformação. Trabalhar as relações étnico-raciais na escola ainda se mostra um grande desafio e enfrenta resistências.

Detectamos que a oferta da formação continuada para a educação das relações étnico-raciais não é universalizada na Educação Infantil, na rede investigada, pois, atende à demanda das escolas, que optam por este ou aquele tema para desenvolver no projeto político-pedagógico da escola. A educação antirracista, ou a educação ambiental, ou os direitos humanos entre outros temas não possem ser excludentes, pois todos devem constar do curriculo escolar. As escolas que optam por um tema diferente, não recebem formação sobre a educação antirracista, por exemplo. Esta é uma lacuna na formação das professoras e no currículo, pois sem a formação adequada não é possível contribuir para a autoestima das crianças negras, e nem superar o racismo e o preconceito que persistem na escola e na sociedade.

A formação continuada dos professores de Educação Infantil é fundamental para o aprimoramento das práticas docentes no cotidiano escolar. Essa formação é elemento essencial na promoção de uma Educação Infantil socialmente referenciada.

Freire (2022, p. 44) nos mostra que a mudança é necessária para evitar que “num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em vez de buscar a libertação na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subpressores”.

Na rede municipal de Educação de Niterói, semanalmente, ocorrem reuniões formativas, envolvendo toda a equipe pedagógica das Unidades Educacionais. Este momento envolve inúmeras temáticas, de acordo com as demandas apontadas pelas escolas e professoras.

Nesta pesquisa temos como recorte as formações continuadas voltadas para a questão étnico-racial, fornecidas pela Fundação Municipal de Niterói e realizadas com as professoras do Grupo de Referência de Educação Infantil, de crianças com 05 anos de idade.

Segundo Nóvoa (1995, p. 25), a formação permanente é vista como uma formação constante, pois a formação do professor “não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas sim, através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente da identidade pessoal”.

É importante ressaltar, que as formações continuadas devem ser ofertadas aos profissionais em diferentes formatos, para um melhor aprimoramento da prática docente, não estando restritos ao acúmulo de cursos ou técnicas, porém, oportunizando a construção de conhecimento do educador assumindo com autonomia, novos sentidos a sua prática docente no âmbito educacional.

Infelizmente, devido a lacunas na formação continuada, ainda temos pouca ou nenhuma educação das relações étnico-raciais nas práticas das professoras de Educação Infantil. Temos muitos desafios, já que a maioria das escolas não buscam essa formação e, portanto, disponibilizam pouco ou nenhum material nesta temática, o que pode dificultar as realizações das práticas antirracistas. Observamos, muitas vezes, que quando encontramos tais prática elas se devem exclusivamente à iniciativa *solo* do professor, que por conta própria investe em formações continuadas fora do seu tempo de serviço, adquirindo livros e outros materiais adequados para as práticas antirracistas, sem uma contrapartida da escola.

A partir da formação continuada o professor passa a compreender a importância de saber acolher a diversidade encontrada no espaço escolar. Outro elemento essencial que deve ser trabalhado na formação continuada é a apresentação de referenciais teóricos de intelectuais negros e negras. A formação continuada pode colaborar para a escolha de livros sobre a negritude, que devem ser inseridos na rotina da Educação Infantil, trabalhando sua representatividade através dos personagens dos livros e dos autores e ilustradores,

Quando o objetivo é promover uma educação antirracista que eleve a autoestima das crianças e afirme sua identidade étnico-racial, é importante investir na representatividade negra, na forma como o debate identitário é desenvolvido. A escola possibilita reflexões, conhecimentos e aprendizados, visando enfrentar o desafio de preparar as crianças para uma sociedade extremamente desigual, em que o racismo persiste, ainda que de forma dissimulada. A abordagem deve ser na perspectiva de uma educação transformadora, na concepção freireana, visando a construção de uma sociedade mais justa ou menos desigual.

Consideramos fundamental o acesso e a busca de literatura diversificada, social e racialmente referenciada, para professoras e crianças. Madu Costa (2021), autora e contadora de história negra brasileira, nos mostra que, através da representatividade apresentada em seus livros, as crianças podem mudar o mundo, “elas se enxergam cada vez mais no lindo espelho da mãe África”.

A representação para a criança negra é tão importante como a de qualquer outra criança no processo de construção de sua identidade. Nas intuições, é imprescindível a utilização e aquisição de elementos significativos referentes às diferentes etnias, para a autopercepção das crianças a respeito de sua autoimagem.

Portanto, é necessário que a rede pública invista em políticas públicas que tornem as formações acessíveis para todos, dialogando com o cumprimento da Lei nº 10.639/2003, visando a superação do preconceito, da discriminação e das desigualdades raciais. Ressaltamos que a formação continuada é um direito dos professores, assim, é importante que as redes proporcionem formação para a educação antirracista, possibilitadora de uma Educação Infantil acolhedora e potencializadora de saberes, que possam contribuir para que as crianças assumam com alegria e encantamento a sua negritude, identidade e ancestralidade.

Referências

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito **Lugar** e discriminação na educação infantil. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2023.

COSTA, Madu. **Meninas negras**. 2 ed. Belo Horizonte/MG: Mazza Edições, 2010.

FREIRE, Paulo **Pedagogia do oprimido**. 46ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: volume 3: Maquiavel: notas sobre o Estado e a política. 3. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG Carlos. **de negro**. Rio de Janeiro. Zahar, 2022.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.